



B1

ISSN: 2595-1661

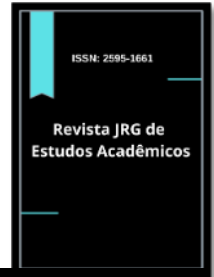
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Mortalidade por COVID-19 entre a população de indígenas do estado do Amazonas: Uma análise de Dados Secundários

Mortality from COVID-19 Among the Indigenous Population of the State of Amazonas: An Analysis of Secondary Data

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1806

ARK: 57118/JRG.v8i18.1806

Recebido: 07/11/2024 | Aceito: 21/12/2024 | Publicado *on-line*: 10/01/2025

Ana Julia Assunção dos Santos¹

<https://orcid.org/0009-0004-6588-8159>

<http://lattes.cnpq.br/7027894191385208>

Universidade Federal do Amazonas, AM, Brasil

E-mail: ajulia862@gmail.com

Letícia Abreu de Carvalho²

<https://orcid.org/0000-0003-2977-5435>

<http://lattes.cnpq.br/3085455492399507>

Universidade Federal do Amazonas, AM, Brasil

E-mail: leticia.adc@hotmail.com

Nely Cristina Medeiros Caires³

<https://orcid.org/0000-0003-3094-4064>

<http://lattes.cnpq.br/4230650328903186>

Universidade Paulista, AM, Brasil

E-mail: nelycaires@gmail.com

Fabiana Manica Martins⁴

<https://orcid.org/0000-0002-4440-2680>

<http://lattes.cnpq.br/5367549959925417>

Universidade Federal do Amazonas, AM, Brasil

E-mail: fabianamanica@ufam.edu.br



Resumo

Introdução: Altas taxas de infecção e mortalidade pela COVID-19 foram diagnosticadas entre os indígenas, quando comparadas com a população geral. Este fato pode ser justificado pelas dificuldades de acesso aos serviços de saúde e vulnerabilidade social. **Metodologia:** Trata-se de um estudo observacional tipo coorte retrospectivo descritivo, realizado através da análise de fontes de informação em saúde, de acesso aberto. Foram coletados dados sobre mortalidade em indígenas do estado do Amazonas no período de janeiro de 2020 a janeiro de 2022. Etnia, faixa etária, gênero e acesso aos serviços de saúde foram os indicadores analisados. **Resultados:** São Gabriel da Cachoeira representa o município com o maior número de óbitos, justificado por ser a cidade o município do Amazonas com maior concentração de população indígenas no país. A etnia mais afetada foram os Yanomamis ali residentes. As doenças do aparelho circulatório foram as mais

¹ Graduando(a) em Medicina pela UFAM

² Graduada em Saúde Coletiva. Mestra em Saúde Coletiva.

³ Graduado(a) em Odontologia. Mestre(a); Doutor em Odontologia

⁴ Graduado(a) em Enfermagem; Mestre(a) em Saúde Sociedade e Endemias da Amazônia (Fiocruz/AM); Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM).

prevalentes com destaque para a HAS (Hipertensão Arterial Sistêmica) que foi a patologia mais frequente. A faixa etária de 80 anos ou mais apresentaram os maiores índices de mortalidade entre estes povos. **Conclusão:** Concluiu-se que medidas devem ser tomadas a fim de que esses povos tenham acesso aos serviços de saúde, prevenção e monitoramento das comorbidades prevalentes, dando-lhes uma maior qualidade e expectativa de vida, conforme os seus costumes.

Palavras-chave: Indígenas; COVID-19; Perfil Epidemiológico; Mortalidade.

Abstract

Introduction: High rates of infection and mortality from COVID-19 were diagnosed among indigenous people, when compared to the general population. This fact can be justified by difficulties in accessing health services and social vulnerability. Methodology: This is an observational, descriptive, retrospective cohort study, carried out through the analysis of open access health information sources. Data on mortality among indigenous people in the state of Amazonas was collected from January 2020 to January 2022. Ethnicity, age group, gender and access to health services were the indicators analyzed. Results: São Gabriel da Cachoeira represents the municipality with the highest number of deaths, justified by the city being the municipality in Amazonas with the highest concentration of indigenous population in the country. The most affected ethnic group were the Yanomami living there. Diseases of the circulatory system were the most prevalent, with emphasis on SAH (Systemic Arterial Hypertension), which was the most common pathology. The age group of 80 years and over had the highest mortality rates among these people. Conclusion: It was concluded that measures must be taken so that these people have access to health services, prevention and monitoring of prevalent comorbidities, giving them a greater quality and life expectancy, according to their customs.

Keywords: Indigenous populations; COVID-19; Epidemiological Profile; Mortality.

1. Introdução

A COVID – 19 é uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, cuja primeira notificação foi realizada em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, e foi se expandindo pelo mundo, infectando milhões, e no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde decretou a doença como caso de pandemia mundial (Mendes et. al, 2022). Essa enfermidade é conhecida por afetar o trato respiratório humano, tendo como alvo principal os pulmões podendo causar desde um simples resfriado a graves infecções com 50% de letalidade. Os sintomas mais comumente notificados foram febre (83%), tosse (82%) e falta de ar (31%), porém outros sintomas gastrointestinais, como vômitos, diarreia e dor abdominal foram vistas em 2-10% dos pacientes, e em 10% dos casos, diarreia e náuseas precedem o desenvolvimento de febre e problemas respiratórios. (Ciotti et. al, 2020) Alguns estudos globais mostram que idosos, homens, portadores de comorbidades e que moram em condições de pobreza tem mais risco de complicações graves e de morte por COVID-19 (Alves et. al, 2021).

Tal doença afligiu também povos que não convivam na sociedade urbana, como é o caso dos povos indígenas, a maioria presentes na Amazônia Legal e residentes em zonas rurais, aldeias e comunidades indígenas (Cunha et al., 2022). Segundo dados do IBGE (2010), a população indígena no Brasil corresponde a

aproximadamente 900 mil pessoas, constituindo 305 povos, falantes de 274 línguas indígenas.

Um das razões da COVID-19 ter alcançado terras indígenas, foi a atividade dos garimpos ilegais. Foi constatado que durante a pandemia, foi se agravando mais as atividades de garimpos perto de comunidades indígenas, o que possibilitou com que houvesse infecção pela COVID. Com o agravamento da pandemia, vários órgãos ambientais e indigenistas e o Exército passaram a atuar de forma reduzida, o que possibilitou o aumento da ação de madeireiros e garimpeiros perto das áreas protegidas, e tornaram assim a região indígena mais vulnerável a infecção. (Matos et. al, 2022)

No Brasil, os povos que residem na região amazônica, principalmente as populações mais vulneráveis localizadas ao longo do rio Amazonas, foram os mais atingidos pela COVID-19, e foram apontadas algumas dificuldades em relação ao manejo dos pacientes, tratamento, notificações e questões sociais. É importante salientar que a maioria dos povos indígenas mora em áreas de difícil acesso, sendo apenas possível por meio dos rios ou viagens aéreas, o que torna dificultoso a inserção de profissionais de saúde dentro as aldeias com o intuito de fazer o tratamento, e também a transferência do paciente para uma unidade hospitalar, na qual muitas vezes ocorre quando a doença já está em estágio avançado (Alves et. al, 2021).

A dificuldade de aderência ao tratamento foi outra dificuldade encontrada no manejo da COVID, pois os povos indígenas possuem costumes e possuem sua própria medicina, e geralmente apenas procuram médicos e unidades básicas quando os seus cuidados não estão gerando resultados. Pode ser incluído também nas dificuldades no tratamento o tempo em que é levado para ser iniciado, pois como muitos residem em aldeias ou comunidades isoladas, o momento de chegada do suporte médico pode demorar muito, e como essas aldeias e comunidades já sofrem com a pouca infraestrutura e a falta de profissionais que possa atendê-los, fica impossibilitado que recebam os primeiros atendimentos necessários para retardar o quadro da doença (Silva et. al, 2021).

No Brasil, foi visto que grande parte da mortalidade pela COVID nos povos indígenas prevaleceu a mortalidade dos homens, entre 50-79 anos (Alves et al, 2021), e mais de 80 anos, sendo a faixa etária entre 70 e 79 anos e 40 e 49 anos as que precisaram de hospitalização em homens, e entre 50 e 59 anos em mulheres (Matos et al, 2022). Pode-se dizer que a COVID – 19 é um risco para a população indígena, principalmente sobre suas questões culturais, visto que as comunidades possuem pessoas idosas, nas quais a maioria são líderes e anciões das aldeias, e na sua cultura eles transmitem ensinamentos tradicionais seculares para a próxima geração e essa prevalência de óbitos ser mais acometida nessa idade pode colocar em risco esse quesito cultural muito importante, a fim de manter a história sobre seu povo perdurando entre esses indivíduos (Mendes et al, 2022)

Em relação às comorbidades associadas a alta de taxa de mortalidade observou-se que cerca de 65% eram homens maiores de 60 anos e 14% deles haviam pelo menos uma comorbidade, nas quais as mais prevalentes são Diabetes Mellitus e doença renal crônica, diferente de pessoas não indígenas, na qual a prevalência são doenças cardiovasculares e obesidade. (Croda et al., 2022)

É possível confirmar que a pandemia de COVID – 19 veio para explicitar a problemática envolvendo esses povos. As comunidades indígenas vêm nos últimos anos sofrendo com a vulnerabilidade socioeconômica e com ataques políticos contra seus direitos, que garantam sua proteção nas terras protegidas, e com a falta de apoio

do governo, se torna mais dificultoso sua vivência no território brasileiro. Isso já é uma questão de longa data, mas com o agravamento da pandemia, foi se tornando mais explícito a negligência do governo com esses povos.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo observacional descritivo tipo coorte retrospectivo, realizado através da análise do Painel de Monitoramento da COVID-19 do estado do Amazonas.

Esses dados não implicam na identificação individual. Não sendo necessário autorização para o uso dos dados, devido a sua natureza pública e aberta

Foram elaboradas as seguintes Perguntas da Pesquisa para nortear a condução do estudo: Qual o impacto da COVI-19 entre os indígenas do estado do Amazonas? Qual a taxa de mortalidade por COVID-19 registrada no período de Janeiro de 2020 a Janeiro de 2022 nos principais sistemas de informações em saúde (SIM, DATASUS), SESAI e dados da Fundação de Saúde do Amazonas (FVS/AM)?

Critérios de inclusão: indígenas do estado do Amazonas e que tiverem óbito registrado no Painel de Monitoramento para COVID-19 no período de 2020-2022.

Critérios de exclusão: Foram excluídos os demais estados da federação

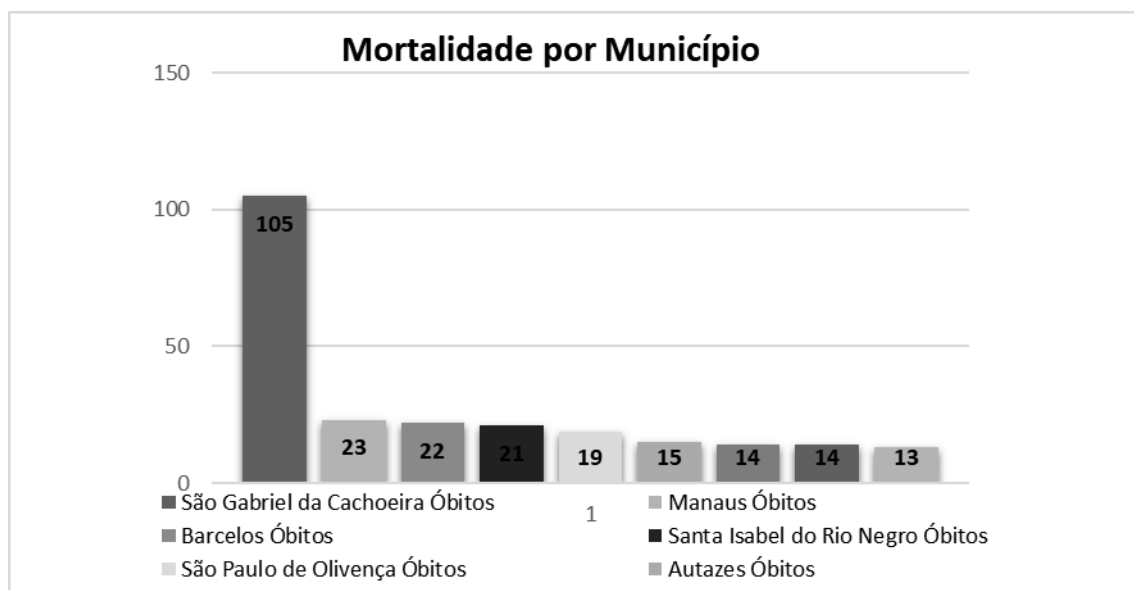
Coleta de dados: A identificação dos óbitos indígenas por COVID-19 se deu através da análise das variáveis: Etnia, Ano de referência (2020-2022); local de registro (óbito por residência); Abrangência (Região); Indicador (gênero e faixa-etária).

Análise estatística: Os dados foram inseridos e organizados no software Excel®, utilizando sua planilha eletrônica para armazenamento.

3. Resultados e Discussão

O gráfico 1 apresenta a mortalidade por COVID-19 entre os indígenas no Estado do Amazonas. Nove municípios do Amazonas apresentaram notificação de óbitos entre indígenas. O município que apresentou maior prevalência foi São Gabriel da Cachoeira, que é conhecida por ser a cidade com maior concentração de população indígenas no país, e a que mais foi atingida pela COVID –19. A etnia mais encontrada na região são os Yanomamis.

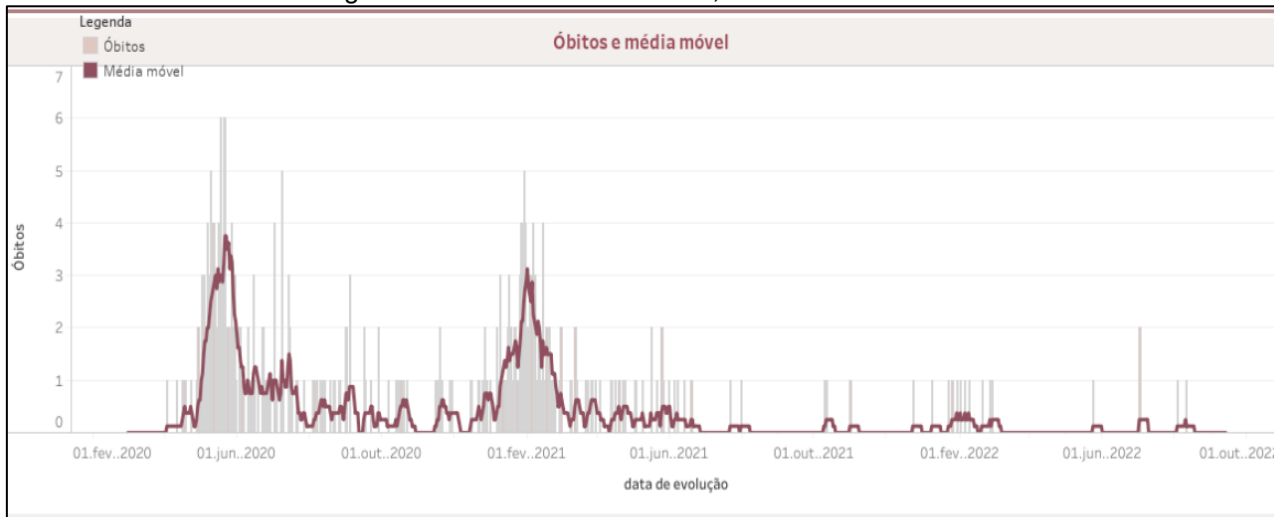
Gráfico 1 – Mortalidade por Município do Amazonas



Fonte: Próprio autor, Fundação de Vigilância Sanitária (FVS)

O gráfico 2 apresenta os dados sobre os óbitos entre os indígenas no período de 2020, onde pode ser observar que os maiores números de óbitos se deram no período corresponde à 1ª e 2ª onda no estado do Amazonas.

Gráfico 2 – Óbitos entre indígenas no estado do Amazonas, Brasil

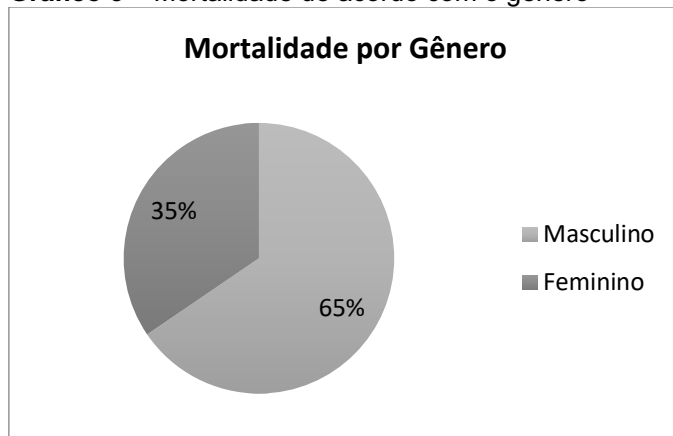


Fonte: Próprio autor, Painel de Monitoramento FVS

Os Yanomamis estão descritos como a tribo indígena mais vulnerável da Amazônia e a 2ª mais ameaçada pela COVID – 19. A principal causa é a fragilidade do sistema de saúde do estado e o risco de invasões às essas comunidades. Além disso, pode-se destacar o modo de viver destes povos, ou seja, sua organização espacial, visto que têm o costume de morar em casas que comportam várias pessoas, que compartilham alimentos, redes e utensílios (MUNIZ et al., 2021). Outro ponto também constatado na pesquisa é o maior risco de morte dos indígenas, visto que reside em locais distantes da capital, o que levaria tempo para a notificação e para o deslocamento do paciente para a capital do Amazonas, já que muitas comunidades são acessadas ou por transporte aéreo ou aquático.

Quanto ao gênero, é possível analisar que no estado do Amazonas, a taxa de mortalidade pelo coronavírus foi entre os homens, conforme pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Mortalidade de acordo com o gênero



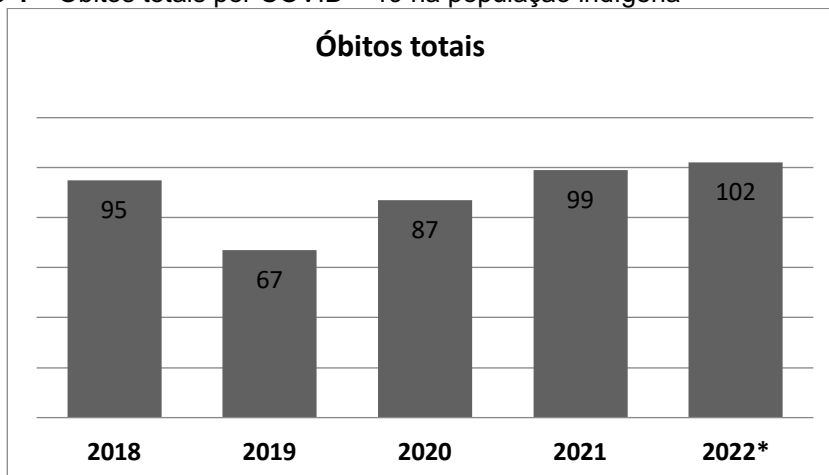
Fonte: Próprio autor, Painel de Monitoramento FVS

Em um estudo conduzido por de Jesus Soares e colaboradores, do ano de 2021, observou-se que a taxa de mortalidade entre o sexo masculino era maior, e isso acontece por conta de os homens serem mais suscetíveis a ter hábitos não saudáveis expressos pelo alcoolismo e tabagismo. Apesar da COVID – 19 apresentar evolução rápida entre homens e mulheres, os homens são mais propensos a desenvolver formas mais graves mais rapidamente.

Na população indígena, o uso do tabaco é dito como uma prática antiga em várias comunidades, e esse fator de risco aumenta o agravamento das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT), que vem sendo crescente entre comunidades indígenas de todo o Brasil (Sombra et al., 2021). Portadores de DCNT tendem a evoluir para formas graves de COVID-19, e casos graves tendem a apresentar sequelas mesmo meses após a doença (Mesenburg et al., 2021). O aumento dos casos das DCNTs salienta a escassez da atenção primária, principalmente voltada para as populações mais socioeconomicamente baixas.

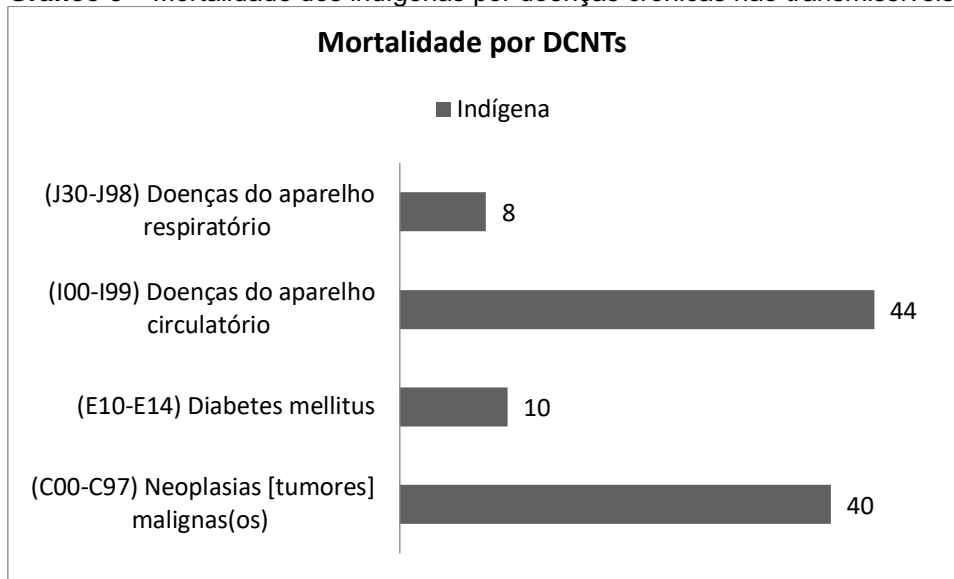
Em contexto de pandemia, o cenário de isolamento impactou na relação do paciente com todos os níveis da assistência à saúde, especialmente com a Atenção Primária à Saúde (APS) que se destaca no acompanhamento e controle das Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) (Costa et. al, 2022).

Gráfico 4 – Óbitos totais por COVID – 19 na população indígena



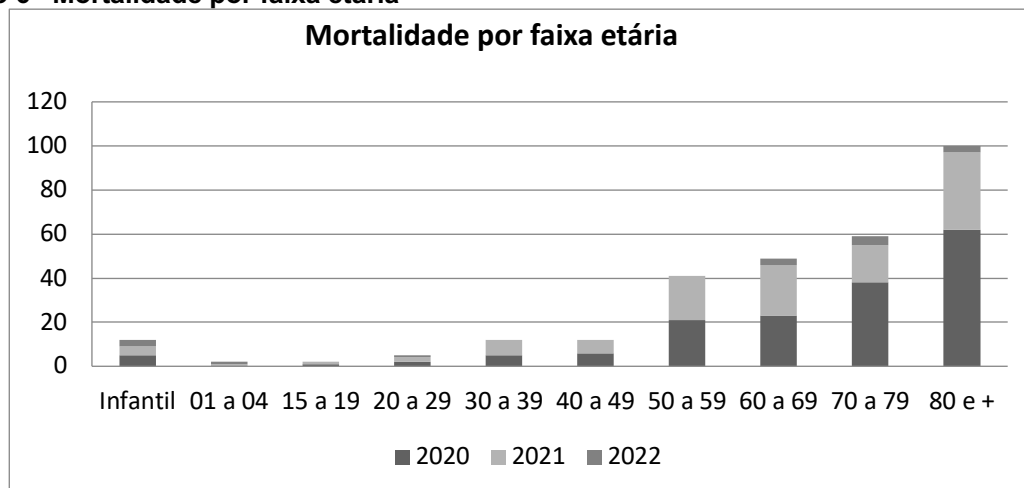
Fonte: Próprio autor, Painel de Monitoramento FVS

O gráfico 5 mostra a mortalidade por indígenas que possuíam doenças crônicas não transmissíveis no ano de 2022, destacando quais doenças que tiveram mais prevalência entre os povos indígenas. Dentre as patologias crônicas não transmissíveis mais comuns entre os indígenas, destacam-se as doenças cardiovasculares, e dentre estas a HAS (Hipertensão Arterial Sistêmica) apresenta prevalência de cerca de 30% entre adultos no mundo, sendo esta uma condição multifatorial, influenciada por fatores como a idade, sexo, sobrepeso/obesidade, sedentarismo, alimentação, dentre outros. A HAS não controlada leva a diversas complicações cardiovasculares e quando associada à infecção por COVID - 19 eleva o risco de mortalidade e gravidade em 2,27 a 3,48 vezes (Costa et al., 2022). Observou-se ainda um aumento dos casos de neoplasia, e isso pode ser justificado pela ausência do rastreamento por meio dos exames, como o *Papanicolaou*, exemplificando ainda mais a escassez da Atenção primária em Saúde, que já era ausente para essas populações, e que em tempos de Pandemia, foi mais agravada.

Gráfico 5 – Mortalidade dos indígenas por doenças crônicas não transmissíveis

Fonte: Próprio autor, Painel de Monitoramento FVS

Quanto a faixa etária, foi visto que grande parte dos óbitos nas comunidades indígenas, foram de indivíduos idosos (80 ou mais) em 2020 (Gráfico 6), ano de início da pandemia de COVID – 19. Houve também a mortalidade de crianças menores de 5 anos, mostrando que bebês também foram afetados, visto que em São Gabriel da Cachoeira, município amazonense mais atingido pela pandemia, notificou a internação de 5 bebês yanomami por COVID – 19.

Gráfico 6– Mortalidade por faixa etária

Fonte: Próprio autor, Painel de Monitoramento FVS

Em estudo feito por Silva e colaboradores, no ano de 2021, foi indicado que várias crianças e adolescentes foram internados com Síndrome Respiratória Aguda, e isso está relacionado às inúmeras barreiras de acesso ao serviço de saúde e precárias condições sanitárias impostas aos mesmos, o que, constantemente, limitam a tomada de medidas de prevenção em saúde capazes de combater a disseminação do vírus (SILVA et. al, 2021). No Brasil e no mundo, há uma maior incidência da doença nos adultos, porém a letalidade é maior na população idosa, principalmente aqueles com doenças crônicas (Barbosa et al. 2020).

É indubitável que a COVID atingiu o estado do Amazonas em grande intensidade, porém, foi avaliado que aqui ainda não se tem tantas informações sobre o quanto da população indígena foi afetado, visto que aqui no Amazonas, por se tratar de comunidades localizadas distantes da capital, esses povos têm dificuldade de acessar o sistema de saúde, mais próximo de pequenos centros urbanos, com pouca ou nenhuma disponibilidade de instalações hospitalares especializadas e leitos de unidade de terapia intensiva (UTI), enquanto nos maiores centros urbanos, os leitos estão sujeitos a períodos de superlotação, como já ocorrido, por exemplo, em Manaus. (Silva, W.N.T., et. al, 2021) Mas, apesar das dificuldades de achar dados concretos, a Fundação de Vigilância Sanitária conseguiu coletar significativamente uma quantidade de dados que pudéssemos nos basear na pesquisa.

Logo, pode-se notar a vulnerabilidade dos povos indígenas, pois por conta de fatores socioeconômicos e ambientais, são mais suscetíveis a se infectar pelo novo coronavírus, podendo relacionar o impacto da COVID -19 com a desigualdade social, o difícil acesso as aldeias dificultam mais os cuidados de promoção, reabilitação e prevenção aos indígenas, pois a precariedade da eficácia das políticas públicas e a falta de controle da vigilância ajuda na disseminação do vírus, tal como a presença do garimpo ilegal e a presença de madeireiros na área indígena ajudam a contribuir na proliferação da COVID-19, e junto à isso, têm-se a falta de estrutura de atendimento e capacitação do profissionais deixa a desejar resultados favoráveis na atenção à saúde dos indígenas. (MATOS et. al, 2023).

4. Conclusão

Observamos a grande vulnerabilidade dos povos indígenas às doenças, e destacamos neste estudo que a presença de comorbidades, como as DCNTs, vem crescendo exponencialmente nessas comunidades, tendo sido agravadas principalmente em época de pandemia. Constatou-se que estas podem agravar o quadro de COVID – 19, podendo levar a uma piora da doença preexistente.

Outro fator agravante e que contribuiu para o risco de mortalidade entre os indígenas é a faixa etária, havendo um maior número de óbitos entre as pessoas idosas na faixa etária de 80 anos ou mais.

Por fim, o fato de a maior parte das comunidades serem localizadas em áreas mais isoladas, o que predispõe a condições precárias da estrutura de saúde tais como: falta de insumos, equipamentos, rotatividade de profissionais e dificuldade deslocamento desses pacientes à uma unidade de saúde mais especializa; acabam por favorecer um maior risco de morbimortalidade destes povos já vulneráveis.

Reforçamos que medidas, devem ser tomadas a fim de que esses povos tenham melhor monitoramento sobre suas necessidades em saúde, diminuição das limitações de acesso à saúde, preservando também seu patrimônio cultural, lhes dando uma maior qualidade e expectativa de vida, conforme os seus costumes.

Referências

- ALVES JD, et al. Impact of COVID-19 on the indigenous population of Brazil: a geo-epidemiological study. **Epidemiol Infect.** v.2, n.149, p.e185, 2021.
- BARBOSA, I. R et al. Incidência e mortalidade por COVID-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, p. e200171, 2020.
- CIOTTI M et al. The COVID-19 pandemic. **Crit Rev Clin Lab Sci.** v.57, n.6, p.365-388, 2020.
- COSTA K et al. Controle de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) e complicações pela COVID-19 de acordo com o sexo na Atenção Primária a Saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 10, p. e11237, 25 out. 2022.
- CRODA MG et al. The first year of the COVID-19 pandemic in an indigenous population in Brazil: an epidemiological study. **Rev Inst Med Trop**, v.64, p. e69, 2022
- CUNHA AA et al. Covid-19 among the Brazilian Amazon indigenous people: factors associated with death. **Saude e Sociedade**, v. 31, p. e210368en, 2022.
- CUPERTINO GA et al. COVID-19 and Brazilian Indigenous Populations. **Am J Trop Med Hyg.** v.103, n.2, p.609-612, 2020.
- DE JESUS SOARES, A et al. Elementos da masculinidade que vulnerabilizam homens à morbimortalidade pela COVID-19: revisão integrativa. **Saúde Coletiva**, v.11, n.65, p. 5926–5939, 2021.
- FUNAI. **Quem são**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em 25 Jul 2022
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MATOS, I. O et al. Clinical Profile of COVID-19 in Indigenous People in Manaus-AM. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e11111738682, 2022.
- MENDES, M.F *et al.* COVID-19 pandemic evolution in the Brazilian Indigenous population. **J. Racial and Ethnic Health Disparities**, v. 9, p.921–937, 2022.
- MESENBURG MA et al. Doenças crônicas não transmissíveis e covid-19: resultados do estudo Epicovid-19 Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 55, n.38, 2021.
- MUNIZ SF et al. A EPIDEMIA DO GARIMPO ILEGAL E O AVANÇO DA COVID-19 NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI. **Ensaios de Geografia**, v. 7, n. 14, p. 214-226, 2021.
- SILVA WNT et al. Síndrome respiratória aguda grave em indígenas no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise sob a perspectiva da vigilância epidemiológica. **Vigil Sanit Debate, Rio de Janeiro**, "Rio de Janeiro, Brasil", v. 9, n.



1, p. 2–11, 2021. Disponível em:
<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1773>.
Acesso em: 13 set. 2023.

SILVA JRH et al. Health consequences and aggravations evidenced by COVID-19 in Brazilian indigenous populations: an integrative review. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e403101119862, 2021.

SOMBRA, N. M et al. Níveis pressóricos elevados e risco cardiovascular entre indígenas Munduruku. **Revista Latino-Americana De Enfermagem**, v.29, p.e3477, 2021.